

## 1 Introdução

*“Toda a escrita, querendo ou não, é política. A escrita é a continuação da política por outros meios.” (Philippe Sollers)*

Início com o título da minha tese, frase que permeia o imaginário de nossa sociedade e que, certamente merece reflexão. Quem são "essas mulheres"? Por que têm tantos filhos? Esse é o questionamento que embasa esse estudo e que de certa maneira foi trilhando o caminho percorrido ao longo deste trabalho.

Era mês de abril de 2004, iniciava-se uma nova empreitada profissional, a inserção como psicóloga numa ONG (Fundação Xuxa Meneghel) em Pedra de Guaratiba, zona oeste de nossa cidade, e com isso a necessidade de uma maior intimidade com a Psicologia Social e Comunitária. Após três anos de trabalho como psicóloga do NEPAD/UERJ (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro), lidando cotidianamente com o sofrimento de pessoas com histórico de uso abusivo de drogas e seus familiares, considerava estar fortalecida para encarar, através da minha prática profissional, o ser humano com suas mazelas e misérias. No entanto, a cada novo dia de trabalho, percebia-me profundamente afetada pelas questões trazidas pelas famílias atendidas na instituição. Por acreditar sempre na produção de formas de resistências e escapes, a criatividade na construção de ações que pudessem embasar esse objetivo era o que guiava a minha atuação.

Dessa forma, o Projeto “Coisas de Mulher”, elaborado e implementado por mim juntamente com a assistente social da instituição, era uma dessas ações. Tal projeto foi pensado a partir de um recadastramento com todas as famílias atendidas pela ONG, realizado em 2005. Os dados oferecidos por este recadastramento demonstraram o quadro de vulnerabilidade em que viviam as famílias locais. Para fazer parte deste projeto foram selecionadas mulheres, mães de crianças regularmente matriculadas na ONG, com quatro ou mais filhos, que viviam em precária situação socioeconômica, diagnosticadas pelas situações de: desemprego e/ou subemprego, moradia em péssimas condições, situações de violência em suas diferentes modalidades (estrutural, física, psicológica, sexual e negligência), falta de perspectiva, aceitação e passividade frente às condições de vida e baixa escolaridade (muitas até mesmo analfabetas, que assinavam somente o próprio nome).

O grande número de filhos era uma situação bastante comum entre as mulheres atendidas, em sua maioria mulheres que tiveram a primeira gravidez ainda na adolescência e continuaram a ter filhos das diferentes relações que estabeleceram. É

comum um tempo extremamente curto entre uma gravidez e outra, o que resulta em quase um filho por ano. A título de ilustração, ao longo do grupo, uma das participantes ficou grávida de seu 13º filho. Não demonstrava inquietude com essa nova gravidez, apesar de tê-la escondido até os 6 meses. Quando contou para o grupo, o fez em tom comemorativo. Teve a criança em casa e o marido ajudou no parto, na fala dos outros irmãos: “com a tesoura que corta frango”. Mãe e filha passaram bem e em pouco tempo a bebê já fora nos visitar gorducha e com bochechas rosadas.

Embora o projeto tenha iniciado com 30 participantes, ao longo de 2006 participaram do grupo 20 mulheres. As desistências ocorreram por motivos de incompatibilidade de horários do grupo e o trabalho, ou por não conseguirem a inclusão na dinâmica e no processo de construção coletiva proposta pelo grupo.

O principal objetivo do grupo era contribuir para que essas mulheres se apropriassem de suas decisões e projetos de vida com mais autonomia, além de fomentar o desenvolvimento de laços sociais e redes, como alternativa para a situação de solidão, provocando assim possibilidades de enfrentamento. Interessante notar que apesar da grande quantidade de filhos, a maioria das mulheres se queixava da solidão e da ausência de laços afetivos. Lembro bem que em várias ocasiões, e com mulheres diferentes, quando as cumprimentava com um beijo no rosto e um abraço, ficavam emocionadas e relatavam a escassez de carinho e contato físico com outras pessoas, muitas remetiam ao relacionamento com as próprias mães, em grande parte já falecidas. É preciso pontuar que eram poucos os relatos de rede dentro das relações familiares. Exatamente um dos pontos a serem abordados na pesquisa de campo: que tipo de troca essas mulheres experimentam dentro da própria família.

As temáticas a serem trabalhadas durante os encontros foram elaboradas pelo próprio grupo, como forma de dar voz a essas mulheres e estimular a possível ressignificação do posicionamento frente à família, o companheiro, os filhos, à comunidade e situações de trabalho.

Ao longo dos encontros, que aconteceram entre fevereiro e outubro de 2006, realizados semanalmente, sempre às sextas-feiras, de 08:00 h às 10:30 h, três temáticas foram priorizadas pelas mulheres: maternidade e a relação com os filhos, questões relacionadas ao direito da mulher e geração de renda. Observamos que a solicitação do grupo refletia justamente a vivência marcada por diversas formas de violência.

Por um lado, conseguíamos vislumbrar alguns resultados positivos do Grupo "Coisas de Mulher", como a aproximação do grupo com as iniciativas da comunidade e a possibilidade do trabalho remunerado, já que quatro mulheres se inscreveram para oportunidades de cursos remunerados de jardinagem, 70% do grupo se candidatara para o trabalho com fungicultura, uma possibilidade trazida pela EMBRAPA e várias delas se

cadastraram como revendedoras da Natura<sup>1</sup>. Com isso, fica claro o impacto da televisão, em especial da novela das oito, como produtora de valores e iniciativas. A novela passada na época na Rede Globo trazia constantes propagandas da Natura, e algumas personagens vislumbravam essa atividade como forma de ascensão social e salário próprio. O retorno de algumas mulheres à sala de aula, com o Pró Jovem<sup>2</sup>, também foi um dado bastante comemorado pelo grupo. Além disso, a formação de uma rede de apoio entre as mulheres participantes do grupo, ao verificar semelhanças entre suas histórias. Após a convivência no grupo, as mulheres começaram a marcar encontros nas próprias casas, ora para comemorar os aniversários do mês, ora para conhecerem o kit novo da Natura, as reuniões foram se tornando mais frequentes. Faziam bolo, salgados, levavam refrigerante e cerveja. E, principalmente, formavam uma rede de apoio, sentida na alegria com que vinham contar o último encontro, as conversas, as brincadeiras e as fotos tiradas nesse momento raro de descontração.

Por outro lado, sempre que recebíamos a notícia de uma nova gravidez no grupo (e não foram poucas), gerava um grande desconforto em mim, psicóloga, e na assistente social. Era como se não tivéssemos alcançado os nossos objetivos, como se o grupo não estivesse trazendo benefícios para essas mulheres, já que na nossa concepção, uma nova gravidez naquela realidade de vida não podia ser escolha. Não era isso o que esperávamos delas. E foi a partir daí que resolvi pensar um pouco mais sobre esse grande incômodo.

Meu trabalho na ONG durou até 2007, quando fui chamada pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro para compor seu quadro, num novo projeto que estava se iniciando, a Rede de Proteção ao Educando. Na divisão de territórios, permaneci na mesma região que trabalhava, ficando responsável pelas escolas municipais de Guaratiba (Barra, Pedra, Ilha e Jardim Maravilha). Dessa forma, continuei em contato com muitas famílias já atendidas, só aumentou a abrangência territorial de minha atuação.

A necessidade de aprofundar o olhar sobre essas mulheres veio da convivência diária com elas, que mesmo com um tempo mais longo, continuava me impactando. A visita domiciliar a Mariane<sup>3</sup> se deu por solicitação da escola, que nos comunicou que seus filhos não estavam frequentando e até já perderam a vaga. Além disso, a escola recebeu um telefonema anônimo com a denúncia de que uma das filhas estaria sendo abusada sexualmente pelo pai. Foi com grande dificuldade que conseguimos chegar de carro a Itapuca, uma favela localizada em Barra de Guaratiba, bem perto dos restaurantes

---

1 Empresa de cosméticos que possui revendedoras domiciliares sem nenhum vínculo empregatício. Bastante difundida entre a classe média, com larga publicação nas redes televisivas e nas revistas direcionadas ao público feminino.

<sup>2</sup> Programa do Governo Federal, que visa o aumento da escolaridade de jovens e adultos.

<sup>3</sup> É importante salientar que todos os nomes utilizados ao longo desses relatos são fictícios, para garantir o sigilo dos atendimentos.

mais famosos da região. A rua que dá acesso à grande miséria com que iríamos nos deparar fica atrás do Restaurante Tia Penha, local muito freqüentado durante os finais de semana e conhecido em toda a cidade. Ficamos surpresas com a quantidade de barracos que iam aparecendo, muitos ainda feitos de tábuas de madeira, outros só no tijolo. Muitas crianças brincavam e corriam pelas ruas sem asfalto e com grande esgoto a céu aberto. Quando encontramos Mariane, numa quinta-feira, às 11 horas da manhã, fomos recebidas por ela ainda de pijama. Mariane tem 30 anos e 7 filhos. O mais velho estava com 14 anos e o mais novo com 2 anos (esse ainda não foi registrado). São cinco meninos e duas meninas. O marido Joelson é pai de todas as crianças, o que se configura uma exceção para os costumes locais. Mariane não soube dizer quantos anos o marido tem, “*mas acho que é uns 40 e pouco*”, relatou que o casal está junto há dez anos, sem se dar conta de que o filho mais velho já está com 14 anos. Nos conta que nunca trabalhou fora, e não pareceu fazer disso uma questão, assim como a evasão das crianças da escola. Joelson também estava em casa, mas não veio falar conosco. Segundo Mariane, o marido está desempregado, “*fazendo uns bicos no mangue*”. A família não recebe Bolsa Família, pois não possui a documentação necessária para solicitar o benefício. Quando perguntei se estava grávida, Mariane conta que tem DIU. A resposta me permitiu sair da casa com uma ponta de alento.

Outras crianças se aproximaram, algumas na mesma situação dos filhos de Mariane, em idade escolar, porém fora da escola. Dois irmãos gêmeos estavam pelados, brincando com um bambu, as peles tomadas por micoses e perebas. Quando perguntamos suas idades, as crianças só sabiam repetir seus apelidos. Um dos meninos demonstrava visível comprometimento mental. Quando perguntamos sobre a mãe, uma vizinha nos informou que ela foi para a maternidade, pois sua filha “*ia ganhar neném*”. Uma irmã mais velha apareceu, explicou que os meninos estavam pelados, pois arrancam a roupa e jogam no mato. Quando perguntamos quantos irmãos são, ela não soube responder, “*perai... são muitos (e começa a contar), só de pequeno são sete.*” Retornamos da visita bastante mobilizadas. Crianças peladas, quase sem linguagem. Com que infância estamos nos deparando? E de que forma podem essas mulheres exercer suas maternidades? Qual a função da maternidade para elas?

Chegamos à casa de Ana Maria também através da escola, que solicitou nossa intervenção, pois as crianças sofrem maus tratos. Quando chegamos, Ana Maria estava com a filha mais nova, Julia (3 anos), e dois cachorros. Luiz Carlos (6 anos) e Luciana (8 anos) estavam na ONG que freqüentam à tarde. Quando perguntamos para Ana Maria sobre sua idade, não conseguiu nos responder: “*tem lá no registro, quer ver? Eu tirei o registro (fala com satisfação).*” Tem cara de nova, aparenta ter por volta de vinte e cinco anos, e um quadro psiquiátrico que nunca foi sequer avaliado. No local onde mora, tem o

Programa Saúde da Família (PSF), e Ana nos contou que a médica (generalista) lhe passou um remédio para o nervoso e medicou também Luis Carlos. O filho apresentava alguns sintomas semelhantes aos da mãe, supostamente um quadro de psicose infantil, que merecia uma avaliação mais aprofundada. Logicamente, Ana não soube dizer quais eram os medicamentos, mas prontamente foi pegar as caixas dos remédios. Ana foi medicada com Lexotan e a criança com Passiflorine. É “casada” com um senhor bem mais velho, por volta dos sessenta anos, com quem teve esses três filhos. O marido bebe com muita frequência, e quando bebe, agride fisicamente Ana Maria e os filhos. “*Da última vez, ele deu com o soquete da cozinha nas minhas costas e nas crianças.*” Ana Maria tem um filho mais velho (que ela não sabe dizer a idade), mas que já é adolescente, e foi criado pela sua mãe. Nos chamou para conhecer toda a casa, e demonstrou satisfação em mostrar como os R\$200,00<sup>4</sup> mensais dados à família pela ONG estão sendo aplicados. No caso específico dessa família, por causa de uma dinâmica familiar que não tem suporte para administrar a verba, o dinheiro fica com a assistente social da instituição, que libera a partir dos pedidos de Ana Maria. A família comprou uma mesa para a sala e um som (ambos das Casas Bahia). Parte do dinheiro é gasto com os medicamentos receitados pelo PSF. Ana também nos mostrou a máquina de lavar que seu marido comprou, “*com dinheiro do trabalho dele*”. Quando perguntamos em que seu marido trabalha, Ana só conseguiu nos dizer: “*eu sei que ele trabalha longe*”. Perguntamos porque Julia está em casa, já que poderia ter sido matriculada na creche. “*O pai não deixou*”. A menina estava com muito piolho e coçava a cabeça sem parar. Conversamos com Ana sobre uma avaliação no CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) e as possibilidades de manter um tratamento, “*se ele (o marido) me levar, eu vou...*” Conversamos também sobre a possibilidade da laqueadura, Ana falou que não quer, tem medo e não tem com quem deixar os filhos. Mas mostrou uma cartela de pílula anticoncepcional, e disse estar tomando todo dia.

Mara tem 46 anos e teve 10 filhos, um morreu ainda na maternidade. Todos são do mesmo pai, José Henrique. Estão juntos há 29 anos. Quando perguntei sobre o primeiro filho e a idade em que foi mãe pela primeira vez: “*Meu primeiro filho é de 1982. Eu não me lembro quantos anos eu tinha.*” Quando ia falando sobre os outros filhos, teve dificuldade em lembrar de todos. Esqueceu de falar de Caio (9 anos), quando perguntei sobre o menino (velho conhecido meu, pois criança levada a escola manda pro

---

4 A ONG referida é o Núcleo de Cidadania – Movimento Fé e Amor, patrocinada pelos padres jesuítas. Atende 108 crianças entre 6 e 13 anos, em oficinas sócio-educativas, no contra-turno da escola. Quarenta famílias recebem uma ajuda mensal de R\$ 200,00, e os gastos devem ser comprovados por notas a cada mês.

psicólogo), Mara afirmou: *“Ah, ele é o perigoso.”* Mara não trabalha fora, *“de vez em quando eu faço uma capininha”* e José Henrique também vive de biscates. A família recebe R\$ 122,00 mensais do Bolsa Família, e ainda ganha cestas básicas dos vizinhos. Me contou, feliz, como tem usado o dinheiro: *“Tirei uma geladeira das Casas Bahia.”* José Henrique faz uso abusivo de álcool e quando bebe é muito violento, Mara também faz uso abusivo de álcool. Era freqüente o relato da escola que muitas vezes de manhã ela já chegava lá com cheiro forte de cachaça. As crianças também contavam com freqüência sobre os episódios de violência doméstica. Durante a conversa comigo, Mara não quis aprofundar sobre esses assuntos. Sobre José Henrique: *“Ele bebia muito, parou de beber cachaça, agora é só cerveja.”* Sobre seu próprio uso relatou: *“Lá uma vez ou outra que eu tomo um copo de cerveja numa festa.”* Sobre as brigas entre o casal: *“Não chega a ter pancadaria não.”* No entanto, se queixou do marido e dos relacionamentos extra-conjugais deste. *“O tempo vai amostrando a realidade pra gente. Ele é muito agitado. Ele acha que eu não tenho que sair. Só ele que vai. Se eu for para a festa, ele começa a brigar. Ele acha que eu vou beber e namorar. Eu quero é me divertir e conversar. Agora ele pode ir pros forrós, né?!”* e concluiu: *“Já gostei mais dele, hoje não gosto mais... O tempo vai passando...”* A família mora numa casa só no tijolo, com três cômodos: sala/cozinha; quarto e banheiro. Perguntei, brincando, como conseguiram fazer tanto filho, fazendo uma referência à vida sexual do casal: *“A gente dava o jeito, né?! Esperava as crianças dormir.”* Sobre o local de moradia, Mara considerou seu maior problema: *“Eu queria comprar uma coisa independente de parente. São quatro casas no mesmo quintal, dois cunhados, a sogra e o meu barraco. E isso não dá certo.”* Vale ressaltar que isso não dá certo na opinião de Mara, mas já dura 30 anos. Quando conversamos sobre os finais de semana e os momentos de lazer, Mara demonstrou não entender muito bem sobre o que estava falando, e depois afirmou: *“É muito difícil sair com a família. A Pedra (de Guaratiba) tá muito poluída com esses troços de fumo.”* Durante toda a conversa, Mara mostrou a forma confusa com que desempenha o papel de mãe, não sabe quase nada sobre os filhos, o que gostam de fazer, como vão na escola etc. Porém, tem uma fala que merece destaque: *“Às vezes eu tenho até vergonha de vir à escola. As crianças aprontam e eu fico chateada.”* Mara veio para a entrevista muito suja e mal cheirosa, não tem quase nenhum dente na boca e coçou a cabeça durante toda nossa conversa. No final da entrevista, me perguntou se tenho filhos, disse que ainda não, e ela finalizou o encontro: *“Mas Deus vai te ajudar.”*

Muitas vezes, vivenciando a realidade das famílias pobres em nossa cidade, e todas as problemáticas oriundas desse quadro social de extrema privação, lembro da frase de uma fonoaudióloga que trabalhava comigo na ONG, durante um dia de visitas domiciliares: *“Essa gente vive de teimosa.”* Dessa forma me identifiquei completamente

com o questionamento de Lopes (2002): “*Que projeto de felicidade e de vida os sujeitos das áreas de concentração de pobreza têm?*” (p. 166). Durante algumas visitas domiciliares, mais de uma vez, me deparei com o caminhão das Casas Bahia, freqüentemente com grande dificuldade de entrar e fazer manobras nos becos das favelas de Pedra de Guaratiba, virava motivo de aplausos a cada nova entrega que fazia. Ora era a geladeira, ora o armário de cozinha, ora a máquina de lavar “tanquinho”. Nessas ocasiões, uma música sempre me vinha à cabeça: “*A minha felicidade é um crediário nas Casas Bahia*”, dos Mamonas Assassinas.

A inquietação que impulsiona o desenvolvimento desse trabalho vem da necessidade de compreender a(s) mulher(es) a partir das transformações que caracterizam a vida social e a cultural na contemporaneidade. O objetivo é abordar os valores e as identidades que as mulheres constroem a partir das vivências e suas relações com a territorialidade, focando, especialmente a relação dessas mulheres com a maternidade. Mulheres que lidam com a violência como acontecimento cotidiano, naturalizando-a em seu convívio familiar e social. Mulheres com vidas marcadas pela fome e a miséria, que aprendem, desde cedo, a criar estratégias para sobreviver num mundo hostil e excludente, a vida na cidade grande. E, nem por isso, em face de todas essas dificuldades e hostilidades de meio de vida, desistem da maternidade. E principalmente, não trazem uma nova gravidez nem sequer como uma questão.

Quem são essas mulheres? O que significa ser mulher nesse espaço urbano? Como podemos situá-las no espaço contemporâneo? Que lugares e papéis sociais elas passam a ocupar? É necessária uma reflexão acerca das diferentes dimensões da vida dessa mulher. O que pode dar suporte a essa existência?

Entendendo o lugar como agenciador de subjetividades, no segundo capítulo, intitulado “*Viver na Cidade Grande*”, percorremos o caminho da urbanização e da construção da cidade contemporânea, a emergência de um novo modo de vida e todos os desdobramentos que com isso se configuram, para isso dialogamos com Sennett (1998), Arendt (1958) e Costa (1997) entre outros. Abordamos a demarcação entre espaços público e privado, analisando também a predominância de interesses privados, trazendo o afrouxamento dos laços sociais, a indiferença e o isolamento, além de “desterritorializações”, “desenraizamentos” e superficialidade diante de uma quantidade exacerbada de estímulos, como nos trouxeram Simmel (1967), Lasch (1986), Bauman (1999, 2001) e Costa (2000). Ou como nos aponta Lopes (2002), considerando a indiferença que marca nossa época, regulamentando distâncias e padronizando afetos, agindo como um “filtro protetor”, como amortecedores, enfim como mediadores ao meio externo: “*Eram pessoas, mas viraram massas.*”

Problematizamos, embasados por autores, como Martins (1997), Fontes (2005), Bauman (2005), Perlman (2003), o conceito de exclusão social, apontando primordialmente qual(is) o(s) confronto(s) que orienta(m) a dinâmica da cidade. Como se constitui a subjetividade daqueles que aprendem a lidar com a exclusão ou com a iminência desta? O que significa transformar homens em refugos da sociedade, como denominou Bauman (2003)? Dessa forma, entramos na discussão sobre a favelização da cidade do Rio de Janeiro e as conseqüentes alterações dos espaços, a partir da historicização do modelo urbanístico da nossa cidade (Zaluar e Alvito, 1998); (Josephson e Jacó-Vilela, 2005), pensamos sobre as práticas sociais que aumentam a distância imaginária entre os habitantes da favela e "do asfalto", e a cristalização de um olhar que historicamente sempre viu os primeiros como integrantes de uma classe perigosa, como salientou Coimbra (2001) e Vergne (2002). Como esses espaços dialogam na vida cotidiana? Alegando-se razões de segurança, o espaço público é privatizado, restringindo nossa circulação pela cidade, como analisa Vilhena (1999, 2002, 2003, 2004, 2005).

Abordamos mais especificamente Pedra de Guaratiba, contextualizando historicamente a formação desse bairro e sua atual realidade social e econômica, ressaltando que está passando por significativas transformações espaciais, ambientais e sócio-culturais nas últimas décadas.

*“Há uma explosão demográfica crescente a cada dia, efetivada principalmente por ocupações irregulares. (...) o local está sofrendo o impacto de um processo acelerado de urbanização desordenado, que está causando o seu esgotamento e modificando as antigas formas de convivência entre o ser humano e seu meio.” (Pimentel, 2003, s/p.).*

Decidimos delimitar um espaço específico, pois acreditamos que as diferentes formas de constituição das favelas, e em que território urbano ficam localizadas influencia de diversas formas a vida de seus moradores, guardando certas especificidades dentro da semelhança que cerca aqueles que são denominados de favelados. Dessa forma, concordamos com Vilhena quando afirma que *“produto e produtor de identidades, o território compõe o ‘ser’ de cada grupo social.”* (2003, p. 77).

No próximo capítulo *"Me mostra e me ensina o que é ser feminina: interfaces ente mulher e maternidade"*, construímos algumas histórias possíveis das mulheres na nossa sociedade. Passamos pela Revolução Industrial e a entrada das mulheres nas fábricas, e também pela inserção das mulheres nos serviços domésticos, como criadas, babás, cozinheiras, professoras e amas de leite. Chegamos à exaltação da maternidade e à intensificação da relação entre mãe e filhos (Ariès, 1978; Costa, 1979). Abordamos também a consolidação da entrada da mulher no mercado de trabalho, os movimentos sociais e a profusão de publicações direcionadas para o público feminino (Oliveira, 2004;

Sant'Anna, 1995). Escolhemos privilegiar as diferentes classes sociais, à medida que grande parte do material que trata sobre o tema, como de costume, enfoca exclusivamente a história dos vencedores, ou seja, a referência de mulher é a da classe alta ou da classe média. Percebemos com isso, que mais uma vez a mulher pobre mantinha-se calada e até mesmo invisível. Como produzir uma história em que caibam essas mulheres? Como representá-las? Não seria mais justo falar em mulheres, respeitando a diversidade? De quem estamos falando? Quais as representações de maternidade vão sendo produzidas e veiculadas? Que identidades maternas são assim construídas? Utilizamos algumas autoras, como Sarlo (2000), Del Priore (2001), Sant'Anna (2001) e Moraes (2002) para trabalhar a mulher na pós-modernidade, num mundo onde o que predomina é a “escassez de sentidos”, caracterizado por uma nação fraturada e empobrecida e pelo consumo desenfreado de objetos, não é de se estranhar a grande dominação da mídia e da publicidade, que nos bombardeia com imagens de eterna juventude, e a cobrança por mulheres jovens, belas e sadias.

No subcapítulo “*Brasil, mostra a tua cara: considerações sobre mulher e pobreza*”, dialogamos com Salem (1981), Sarti (2004) e (Sawaia, 1996) para problematizar as questões relacionadas aos relacionamentos conjugais, à maternidade e à dificuldade da manutenção de vínculos empregatícios e às formas de vida estabelecidas por essas mulheres. Utilizamos relatórios da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres para embasar estatisticamente os temas debatidos, bem como as questões relacionadas à violência doméstica e suas diversas interfaces. Oliveira (2005), Soares (1999) e Aquino (2009) foram algumas das autoras que nos deram embasamento para propor essa discussão. Trabalhamos a aprovação da Lei Maria da Penha (11.340/06) e os impactos trazidos na vida das mulheres pesquisadas.

Para terminar, o subcapítulo “*Por que tantos filhos?: maternidade nas classes populares*”, traz à tona uma discussão muito em voga atualmente, jornais de grande circulação destacam com frequência o aumento da fertilidade nas favelas, bem como a maior taxa de natalidade entre adolescentes nas camadas populares. Pensando a maternidade enquanto fenômeno social e conseqüentemente como uma construção sócio-histórica, Costa et alli (2006), Martins (2008), Gontijo e Medeiros (2004) entre outros problematizam as formas de intervenção tecno-política sobre o comportamento reprodutivo da classe pobre, num contexto sociopolítico de perda dos suportes coletivos e da incapacidade do Estado para administrar a questão social. Dessa forma, procuramos dar um outro lugar à maternidade e à escolha de ser mãe, como poderemos observar ao longo do último capítulo.

Finalizamos o trabalho com o capítulo que vai trazer a pesquisa de campo: “*Inauguro Linhagens, Fundo Reinos: conhecendo as mulheres de perto*”. Realizamos

uma discussão acerca da questão metodológica e dos limites da escritura, utilizando especialmente a teoria de Bakhtin (2003). Através de entrevistas semi-estruturadas e observação participante (como visitas domiciliares, conversas nos horários de entrada e saída da escola, passeios no Ônibus da Liberdade entre outros), pretendemos dar voz às mulheres a partir das categorias pelas quais são socialmente construídas as identidades femininas e as vivências da maternidade das mulheres moradoras de Pedra de Guaratiba. É importante ressaltar que as categorias de análise foram construídas a partir da fala das entrevistadas, pois o primordial foi deixar emergir o que elas têm a dizer, o que caracteriza uma grande inter-relação entre essas categorias. Foram entrevistadas 14 mulheres, parte das entrevistas foi realizada em um Ciep municipal de Pedra de Guaratiba, uma das escolas em que trabalho, e parte na Fundação Xuxa Meneghel. Todas as entrevistas foram gravadas mediante o prévio consentimento das entrevistadas, e tiveram como base um roteiro a ser abordado, levantado a partir de literatura especializada e das inquietações presentes na entrevistadora acerca da problemática central da pesquisa. O roteiro constava dos seguintes tópicos: *o lugar da maternidade em sua vida; primeira gravidez e número de filhos; naturalidade e a cidade do Rio de Janeiro; concepção de família e relacionamento com os parceiros; rede social e comunidade; escolarização e inserção no mercado de trabalho; a vida em Guaratiba.*

Entre as entrevistadas, oito mulheres nasceram no Rio de Janeiro, uma é natural de São Paulo, e temos ainda imigrantes da Bahia, João Pessoa, Maceió, Ceará e Recife. Percebemos logo a forte representatividade da região Nordeste de nosso país, bem característico do território estudado, como nos aponta Zamora (1992, 1999).

A mais nova entrevistada é Pâmela, de apenas de 16 anos, e a mais velha, é Maria Regina, com 39 anos. O número de filhos variou entre 1 e 10. Já em relação à escolaridade, apenas uma das catorze entrevistadas conseguiu alcançar o ensino médio e ainda assim, parou no primeiro ano. Todas as outras permaneceram no ensino fundamental, sendo que Elenira, Édila, Marilane e Josiane estudaram apenas até a segunda série do ensino fundamental. Um outro fator pertinente a todas as entrevistadas é que tiveram a primeira gravidez ainda na adolescência ou bem jovens. Ana Paula foi a que engravidou mais cedo, aos 15 anos e Maria Regina foi a que demorou mais a ter o primeiro filho, aos 20 anos.

A partir das entrevistas, construímos as seguintes categorias de análise: 1) A Maternidade - que se subdividiu em: a) A primeira gravidez; b) Os outros (muitos) filhos e a função da maternidade; c) As tentativas de aborto; d) Quando o marido quer o filho... Elas cedem; e) Filho para preencher um vazio; f) Gravidez e violência doméstica; g) A perda de um filho; h) O que é a maternidade? - Inseguranças e contradições ; 2) Aparente passividade frente à vida; 3) Desigualdade de gênero / Violência doméstica / Uso abusivo

de álcool e outras drogas; 4) Vida de Migrante e a Rede Social com a Família; 5) Vulnerabilidade Social / Baixa Escolaridade / Precariedade da Vida Profissional / Diminuição da Sociabilidade; 6) Pobreza e suas Relações com a Violência da(na) Cidade; 7) Precariedade na Relação com a Mãe; 8) Religiosidade; 9) Conjugalidade(s) e 10) Contraceptivos e Planejamento Familiar. Estabelecemos um diálogo com Uziel e Santana (2008), Bohn (2004), Burgos (2008), Vilhena (2004, 2005, 2006, 2007 e 2009), Bruschini (2008) entre outros para sustentar nossa problematização e trazer nossas considerações sobre os temas abordados no presente trabalho.

Nas Considerações Finais objetivo apresentar, de forma resumida, as conclusões mais relevantes do trabalho, além de propor possíveis desdobramentos da pesquisa.